

É ASSIM QUE A VIDA PODE FLORESCER

Notas do diálogo com um grupo de universitários envolvidos na “caritativa”, um gesto que educa para a descoberta de si próprio e da realidade (Milão, 12 de março de 2018)

Julián Carrón. Como já foi dito, hoje trabalharemos em torno da “caritativa”. Os testemunhos que chegaram demonstram que se trata de um gesto que está fazendo com que muitos de vocês floresçam. Às vezes, uma pessoa expressa a experiência que está vivendo com uma força que pode ser útil a todos.

Anna. A minha caritativa consiste em ir até os sem-teto uma manhã por semana para lhes servir o café da manhã. A primeira coisa que noto é que esse gesto sempre mexe comigo, nunca acontece de eu sair de lá igual a quando cheguei. Em relação a isso, um instrumento fundamental para mim é o texto O sentido da caritativa¹, que lemos antes de começar o gesto, porque consegue dar um nome às coisas que acontecem naquela hora. A segunda coisa que constatei é que durante a hora da caritativa eu estou inteiramente presente ali, como outras poucas vezes durante a semana. Quando estou ali servindo o café da manhã fico totalmente concentrada em responder às necessidades que aparecem, como providenciar o açúcar ou lavar os pratos. Estar tão presente ao que está acontecendo me leva a participar de tudo, e me torna mais atenta; amo com mais força o que encontro ali, estou mais disponível a acolher tudo, e descubro que ser assim me plenifica infinitamente. Naquele lugar vivo aquela diversidade “verificável” de que fala o texto da Escola de Comunidade. Ir à caritativa me ajuda a perceber melhor as necessidades de todas as pessoas que encontro. Certa manhã um sem-teto me traz uma folha de revista com a foto de uma moça e me dá de presente, dizendo que ela se parece comigo. Esse gesto me comoveu muito, porque eu faço o mesmo na minha relação com Jesus: em todas as coisas que faço, em todos os rostos que encontro, busco os traços d’Aquele que me ama e me doa tudo, pois é desse bem que eu necessito.

Carrón. Que a pessoa possa participar de um certo gesto e dizer “nunca acontece de eu sair de lá igual a quando cheguei” é uma coisa surpreendente. Quem não se interessaria em participar de um gesto através do qual é possível acontecer uma coisa desse tipo, que pode mudar o modo como compreendemos a nós mesmos, no qual vivemos? Quando Dom Giussani nos convidou – para a nossa própria educação – a realizar esse gesto, estava delineando um caminho através do qual a gente pode ver acontecer o que a nossa amiga relatou: tornar-se cada vez mais presente ao momento presente, que é o que desejamos, e não estar no presente esperando que termine para depois começar a viver, como tantas vezes fazemos. Participar desse gesto, dizia a nossa amiga, “me leva a participar de tudo, e me torna mais atenta” a tudo o que acontece. Leio agora alguns trechos da intervenção de uma jovem que não pôde vir, porque mora longe.

Escreve Chiara: Estudo Ciência da Educação em Catânia. Faço o mesmo gesto de caritativa há sete anos, ou seja, desde que encontrei o Movimento na escola; aliás, foi justamente a caritativa que me mostrou a natureza e a beleza do que eu havia encontrado. A caritativa como que “monopolizou” toda a minha vida e as minhas escolhas, a começar pela universitária: de fato, eu desejava que novidade no relacionamento com o outro estivesse no centro do meu trabalho. A circunstância recente através da qual eu descobri o real valor da

¹ L. Giussani, *O sentido da caritativa*. Impresso de Comunhão e Libertação, 2015.

caritativa foi, paradoxalmente, aquela das eleições, em especial uma discussão que tive com um dos meus irmãos. Ele me acusava de ser inútil à sociedade porque eu não conseguia identificar um partido no qual votar. Assimilei o golpe e quase que para me defender comecei a acusá-lo porque ele estava ali, sentado comodamente no sofá e delegava aos outros a solução de todos os problemas. Terminada a discussão, me arrependi de tê-lo censurado, porque no fundo a dinâmica que o move é profundamente humana: ninguém se mexe a não ser por um interesse pessoal. Também eu, no fundo, não me mexia a não ser por uma conveniência, material ou até mesmo espiritual. Mover-se em benefício de outro alguém só é possível se se reconhece que o outro é um bem. É sob essa ótica que a caritativa, para mim, nestes anos, foi a melhor “escola de política”, se assim podemos chamá-la: não só porque é uma tentativa de resposta a uma necessidade, mas porque das pessoas que encontrei nestes anos eu recebi mais do que dei, e assim descobri que o outro é um bem para a minha vida.

Carrón. Na discussão com o irmão vemos os dois modos de conceber a política: se a questão é só identificar o partido no qual votar ou se é o interesse pela *polis*, o interesse pelo bem comum, o interesse pela necessidade dos outros. O irmão a acusa de não identificar um partido, e ela replica com outra imagem da política. Ele, de fato, se identifica com um partido, mas da varanda! São duas atitudes em relação à política. Então, a questão é o que pode levar a pessoa a se levantar do sofá a fim de se envolver como protagonista na resposta à necessidade: é preciso, como testemunhava a nossa amiga, participar de algo que seja uma verdadeira “escola de política”, isto é, que interesse a *polis*, ao bem comum, ao outro e à sua necessidade. É essa educação que nós buscamos ao nos envolver com o gesto da caritativa.

Tommaso. *Nestes anos descobri que a caritativa não é um gesto separado do resto da minha vida, mas que permeia profundamente todos os aspectos dela. Quando eu comecei, estava ainda no colégio e havia uma professora que toda vez nos lembrava que estávamos ali para aprender a amar como Jesus amava. Durante o ano inteiro eu fiquei com aquela frase na cabeça, mas sem entender o seu sentido, pensando que fosse uma daquelas clássicas frases feitas. Até que, pelas circunstâncias da vida, me vi não desejando o bem para determinada pessoa, que estava me tratando mal, e fiquei sem saber o que fazer, pois ela estava me afastando de todos os modos. Aí ficou claro para mim o que queria dizer aquela frase. Quando vou à caritativa, me vejo diante de pessoas que talvez não me suportem ou que eu próprio não as suporte; de fato, não sou eu que decido a quem ajudar a estudar naquela tarde: só posso decidir se estou ou não disposto. Aí me vem um exemplo, que ajuda a entender por que digo que a caritativa permeia todos os aspectos da minha vida. Refere-se a esta época de provas. Estudei com um amigo, embora eu não goste muito de estudar com os outros, sobretudo quando estou com água até o pescoço, porque me fazem perder tempo. Um ano atrás, eu faria de tudo para escapar, a fim de ganhar mais tempo para estudar sozinho. Desta vez, porém, fiquei até o fim, embora um pouco aflito, porque eu estava realmente com água até o pescoço; e me perguntei por quê? E a razão ficou evidente para mim. Faz dois anos que a caritativa não é um gesto bonito “em si”: toda semana, na aula de reforço escolar em Martinengo, meu trabalho é fazer com que estudem alguns jovens que não têm a mínima vontade de fazê-lo, nem de estar ali comigo, e com os quais nem sempre é possível estabelecer um relacionamento; às vezes isso acontece, mas à custa de muitas tentativas e depois de muitos meses. Ali eu não tenho como escapar, sou “obrigado” a olhar para eles, a reinventar-me e a inventar maneiras de me aproximar deles e das suas necessidades. Por isso, a caritativa é, para mim, uma escola onde aprendo um novo modo de viver todas as coisas, inclusive o estudo – que se tornou mais eficiente –, e que me permite viver os relacionamentos de um modo mais verdadeiro, na família e na escola, com um colega de curso antipático. Eu reconheço que tenho a necessidade de viver desse modo. É um*

reconhecimento que surgiu de dois fatores: da minha experiência de vida e do contato com outras pessoas mais adiantadas do que eu – no início, a professora de que falei; agora, outras pessoas –. Em segundo lugar, foram fundamentais outros dois elementos: o livreto O sentido da caritativa, guia imprescindível, e a fidelidade à caritativa, que nasce tanto da confiança em quem me propõe a caritativa quanto do interesse por essa proposta.

Carrón. Por que você cita esses dois elementos? Como descobriu o valor do livreto para viver o gesto?

Tommaso. *No começo não compreendi quase nada; até me parecia só uma coisa “de CL”, formal; aos poucos, porém, fui percebendo que aquilo que estava escrito no livreto era verdadeiro: a experiência que eu estava fazendo ali não poderia ser escrita com palavras melhores que aquelas.*

Carrón. E a fidelidade? O que significou para você a fidelidade?

Tommaso. *Só graças ao fato de ter estado ali todas as vezes, sem inventar desculpas, é que foi possível depois uma mudança no meu modo de estar em família, por exemplo.*

Carrón. Vejamos o que Tommaso nos testemunha. Quem não sentiria prazer em fazer um gesto que, como ele disse, incide, permeia, faz verdadeiramente florescer, renova todos os aspectos da vida? Não é um gesto separado do resto, mas é o que enche de luz todos os outros aspectos da vida. Quando acontece com alguém algo semelhante, é um bem para todos nós. Com duas condições. Em primeiro lugar, é preciso viver o gesto não simplesmente como resposta a uma necessidade – como tantas vezes ocorre hoje – como se estivesse numa ONG, mas segundo a impostação que foi proposta. Cada um precisa descobri-la, aos poucos, como ele a descobriu através do livreto *O sentido da caritativa*. Muitas pessoas, hoje, fazem voluntariado, mas quantas podem dizer que esse gesto permeia toda a vida delas? Não é um adendo secundário, entendem? Por isso Dom Giussani quis que o gesto fosse guiado, como dizia o nosso amigo falando da professora. Durante um certo tempo, como foi para ele, alguém pode não entender por que – digamos assim – a professora o guia, ou por que nós insistimos em sermos fiéis àquela sugestão de Dom Giussani; mas, com o tempo, se a pessoa é fiel – eis aí o segundo elemento –, entende e descobre toda a dimensão do gesto que realiza. Devemos, então, como fez Tommaso, esperar o tempo que for necessário – essa é a fidelidade – para que possa vir à tona toda a promessa que um gesto como a caritativa tem em si mesmo. Se, ao invés, vivemos tudo com muita pressa, se preferimos algo mecânico – colocamos a moeda na máquina de Coca-Cola e vem a latinha! – perdemos o melhor, isto é, não fazemos a experiência. É preciso dar o tempo para que o gesto que aceitamos realizar mostre toda a sua capacidade de mudança e de incidência sobre a vida. Ao participar do gesto, é importante não perder os dois fatores que acabamos de evidenciar: vivê-lo como o propôs Dom Giussani, do contrário não produz o que estamos dizendo; e com fidelidade. Leio outra intervenção que chega de Reggio-Calabria.

Escreve Santina: *Há alguns anos, um amigo me perguntou se eu não gostaria de fazer a caritativa como catequista. Eu logo respondi que sim, porque confio nele. Com o tempo, porém, tive que dizer as razões do meu sim, para poder continuar ali. Em todos esses anos, para mim era claro o quanto a caritativa servia, antes de tudo para mim mesma, e me dei conta de que houve uma mudança na minha pessoa...”*

Carrón. É interessante algo que todos vocês destacam: a primeira “conveniência” do gesto de caritativa é para quem o faz. Assim, não é que alguém com autoridade diz “Faça isto”, mas você mesmo tem a oportunidade de verificar, na sua experiência, se o que foi dito é mesmo verdade. Sempre me admiro que Jesus tenha conectado o apelo a segui-Lo com o cêntuplo: “Siga-me, se quiser viver; siga-me e terá o cêntuplo aqui embaixo”. Não lhe diz: “Siga-me porque eu estou mandando”; não, mas “Siga-me porque eu lhe prometo algo que, se me seguir, poderá verificar em sua própria vida”. O que promete? O cêntuplo, uma mudança que você poderá ver acontecer em si mesmo. O cêntuplo não é o sucesso que eu posso alcançar na caritativa, por exemplo; às vezes, se alguém trabalha com pessoas doentes ou que tenham alguma deficiência, não se vê nenhum sucesso, no sentido comum da palavra. O verdadeiro sucesso é o crescimento do eu que você surpreende em si mesmo, é uma intensidade de vida cem vezes maior: nos relacionamentos, no estudo, no modo como enfrenta o real.

Continua o texto de Santina: Houve uma mudança em minha pessoa que eu não imaginava possível.

Carrón. Verificou-se nela uma mudança que antes não imaginava possível. Atenção, a pessoa não pode ver essa mudança, não pode ver o cêntuplo antes de se empenhar: só vê quando segue. Se dissesse: “Não, eu quero ver antes”, então nunca o veria, porque se trata de algo que precisa verificar na sua experiência. A nossa amiga acrescenta:

Se olho como eu era antes e como sou hoje, não posso deixar de me surpreender. Antes eu me contentava em olhar, delegava aos outros, não queria responsabilidade, ao passo que agora me vejo protagonista e mudou tudo na minha vida, porque botando a mão na massa e aderindo à proposta pude constatar que não é tudo fruto de minha competência ou do meu desempenho. Através do meu sim há Alguém que antes de tudo muda a mim mesma e também as coisas, não me deixando perder nada. Quem és Tu que me buscas sempre para me fazer crescer, Tu que jamais cansas de mim? Sou grata por tudo isso porque entendi que não posso fixar-me naquilo que tenho na minha cabeça, sobretudo nos momentos de cansaço, quando penso que não vou conseguir, porque no fundo há Alguém que através do meu sim vem me acudir e torna tudo diferente.

Carrón. Como é possível que, ao ouvir um testemunho como esse, não nasça em nós uma curiosidade, uma vontade de fazer a mesma verificação, de ver como a vida muda ao se seguir alguém? Em nossa cultura, como diz Dom Giussani, tornou-se impensável que a minha vida possa mudar ao seguir alguém, que eu possa entender e possa mudar. No entanto, essa jovem documenta justamente que é só seguindo alguém que ela muda, torna-se protagonista das suas jornadas e entende melhor o que é a vida. Quem não quiser perder esta oportunidade, decida-se.

Federica. *Há três anos faço caritativa em Precotto, um bairro de Milão. É uma ajuda no estudo de alguns jovens do ensino fundamental II. No primeiro ano – admito – foi um gesto muito superficial; a razão para ir era a possibilidade de conhecer alguns dos meus colegas, pois eu acabara de entrar na Universidade Católica. A minha postura frente à caritativa mudou quando uma amiga me pediu para ocupar o seu lugar como orientadora da turma e convidar os calouros para participarem da caritativa. Isso me obrigou a levar a sério aquele gesto, pois do contrário eu não teria como propô-lo a alguém. Padre Pino uma vez nos disse que a caritativa é, talvez, o gesto mais educativo que fazemos, é como uma Ferrari: se eu sonho com uma Ferrari, eu a quero linda, inteira, e não faltando um espelhinho ou com o vidro trincado. A caritativa nos é proposta como um gesto completo: não se escolhe este ou*

aquele aspecto, chega-se com pontualidade e não se falta, porque faltar ou ir quando se quer seria construir a caritativa ao nosso próprio gosto, e então seria melhor nem fazê-la, por ser uma perda de tempo. Acreditei e tentei levar a sério a proposta. Aos poucos, após três anos, começo a reconhecer em mim a importância que está tomando esse gesto ali, mais do que outros, e isso eu entendi durante a última sessão de estudo. Todas as provas que eu deveria fazer era às quartas-feiras, e às terças à tarde eu tinha a caritativa. Não era óbvio “desperdiçar” aquela tarde de estudo antecedente à prova, sobretudo num período em que a caritativa era meio cansativa, eu não tinha vontade de ir e as crianças que eu atendia entendiam pouco. Tive duas conversas com minha amiga Sofia. Nós duas estávamos pensando em pular a caritativa daquele dia a fim de estudar para a prova do dia seguinte. Mas, no diálogo com ela, aos poucos a conversa deslocou-se para a verdadeira questão: o que é que nos interessa na vida? Interessa-nos que nós mesmas decidamos o que fazer com o nosso tempo e, assim, decidir que a única perspectiva da jornada é estudar para ir bem na prova, ou o que nos interessa é algo diferente? Por que optamos por fazer a caritativa este ano? O que estamos descobrindo, inclusive no cansaço de aderir e ser fiéis à proposta? A questão, então, se deslocou do “O que vamos fazer? O que favorece o estudo?” para o “O que nos interessa de fato hoje? O que posso descobrir e o que estou realmente descobrindo na caritativa?”. Despedimo-nos sem qualquer dúvida, não porque moralmente era certo ir à caritativa – “não se pula a caritativa” – mas porque para mim ir lá é antes de tudo recolocar para mim mesma a pergunta sobre o que me interessa realmente na vida, e disso eu me esqueço todo dia. O sentido da caritativa, justo naquela terça-feira, recolocou a questão diante dos nossos olhos e do coração, porque num pequeno parágrafo, intitulado Consequências II, lê-se: “Trata-se da descoberta do fato de que, justamente porque nós os amamos, não é a nossa ação que os torna felizes; de fato, nem mesmo a mais perfeita sociedade, ou a organização mais forte e sábia, nem a maior riqueza do mundo ou a saúde mais perfeita, nem mesmo a beleza mais pura ou a civilização mais aprimorada poderá torná-los felizes. Somente um Outro poderá torná-los felizes. Quem é a razão de tudo? Quem é que fez tudo o que existe? Deus. Então Jesus não é apenas aquele que explica a palavra mais verdadeira, que explica a lei da minha realidade, não é somente a luz que ilumina a minha mente: eu descobro que Cristo é o significado da minha vida. É belíssimo o testemunho de um de nós que, depois de ter experimentado este valor, disse: “Eu continuo participando da caritativa, porque todo o sofrimento meu e deles tem um sentido”. Esperando em Cristo, tudo tem um sentido: Cristo. Consigo, finalmente, descobrir tudo isto somente participando do gesto da “caritativa”, exatamente pela impotência final do meu amor: e esta é a experiência em que a inteligência se aprofunda na sabedoria, na verdadeira cultura”. Voltando para casa, Sofia e eu mergulhamos no estudo até tarde da noite, sem desperdiçar nenhum segundo. Para além do fato de que correu tudo bem na prova, eu estava muito contente pela maneira como tinha estudado. E a minha afeição pela caritativa cresce cada vez mais, porque vejo que tem uma estreita conexão com a minha vida, com os outros dias da semana, me ajuda a organizar o tempo, o estudo, me faz descobrir que, no fundo, o tempo não é meu, e que o meu estudo não vai melhor porque retiro alguma coisa da minha vida: aliás, justamente quando me empenho em certas coisas posso, depois, me colocar a estudar com uma perspectiva nova, que não é mais só passar na prova. O que me interessa? Descobrir que Cristo é o sentido da minha vida, ver que isso é verdadeiro não só na caritativa, mas na relação com os meus pais, na minha prova, com o meu namorado e no meu apartamento. Indo à caritativa aprendo, aos poucos, a amar o outro porque ele existe: não porque muda o meu humor ou porque é simpático ou faz bem as coisas, mas porque existe. E isso é o que desejo realmente ao me relacionar com todos. Acho isso muito fundamental para o meu crescimento, o que me leva a não faltar à caritativa, mesmo que seja na véspera da

minha prova. Continuo não entendendo tudo, mas tenho muitas pequenas intuições, respostas e novas perguntas, que me fazem continuar a apostar naquele lugar.

Carrón. Cada um nos oferece elementos que não podemos perder. Federica destaca um dado fundamental, que é a completude do gesto: “Não é uma escolha, a gente vai, chega com pontualidade e não falta”, que é um modo diferente de enfatizar os dois fatores de que falávamos antes: a necessidade de abraçar a proposta tal como ela se apresenta e a fidelidade. O gesto da caritativa só tem a eficácia de mudar a vida se nós a vivemos tal como ela é proposta. Ela já começa a ver – como disse – que “esse gesto ali, mais do que outros” é decisivo para mudar todo o resto. É interessante observar que o convite à fidelidade obrigou-a a se perguntar: “O que me interessa na vida?”. É impossível que, a certa altura, diante da prova que tem no dia seguinte, não venha à tona aquela pergunta: a própria vida não a poupa. A questão da fidelidade é crucial porque o obriga, querendo ou não, a interrogar-se e a decidir. Aliás, a coisa interessante é verificar se a adesão leva a diminuir o interesse pelo estudo ou é o que incrementa ainda mais o desejo de estudar e de aproveitar o tempo. Do contrário, faço o papel de um bom cristão, mas depois não estudo, deixando isso para trás. Não, ela descobre que a caritativa está em estreita conexão com a vida e, portanto, começa a ver o nexos entre o gesto da caritativa e o estudo, toma consciência de que o gesto da caritativa não prejudica o estudo, mas a ajuda a viver de modo diferente o estudo e a perceber uma utilidade do tempo que antes sequer sonhava.

Anna. *Eu vou à caritativa em Bresso, onde há um acompanhamento de reforço escolar para alunos do nível fundamental ao ensino médio. Há dois fatos que retratam esses meses. O primeiro aconteceu durante um turno em que eu estava estudando com três crianças do fundamental. Uma delas é chinesa; estava muito desanimada, não me respondia, eu não conseguia arrancar nenhuma palavra dela, e quando me respondia, dizia coisas sem sentido. Eu estava ficando nervosa: tentava de todos os modos, com diferentes estratégias, mas nada funcionava para conquistá-la ou para que ela fizesse as tarefas. Era um muro diante de mim. As outras duas crianças, ao invés, faziam as tarefas sozinhas e me perguntavam mil coisas, inclusive por mera curiosidade. A certa altura, já esgotada, diante da evidência da minha impotência em relação a ela e olhando as outras duas crianças, disse para mim mesma: “Como gostaria que essa realidade a conquistasse, que usufrísse as coisas como as outras duas crianças!”. Estava convencida de que não conseguiria conquistá-la, mas que alguma coisa para ela deveria acontecer. A única coisa que eu podia fazer era estar com as outras duas, que me chamavam. Comecei a observar essas duas crianças, sem me preocupar com a outra. Depois de pouco tempo, essa criança me pergunta: “Está certo?” e me mostra a folha na qual havia feito o exercício. A partir daí recomeçamos a fazer juntas as tarefas. Esse fato me tocou muito, por dois motivos. O primeiro é que esse desejo sincero de que o outro seja conquistado é novo para mim. No final do turno, eu dizia para mim mesma: que estranho, antes de hoje essa criança não era ninguém, eu sequer sabia que ela existia, e de repente eu estava desejando a felicidade dela. Eu me perguntei: é só um ímpeto natural? Acho que não, porque muitas vezes o que prevalece é o nervosismo, e nem tanto esse desejo. E, então, o que aconteceu comigo para vir esse desejo? O segundo motivo é que aconteceu alguma coisa – nem sei direito o quê – que o despertou, sem que eu nada fizesse. Nos Exercícios espirituais, em novembro, você dizia: “É impressionante a força da realidade quando a deixamos falar ao coração (...). Que impressionante! Que capacidade a realidade tem de revirar o cotidiano!”. O segundo fato aconteceu algum tempo depois. Uma tarde eu estava com outras três crianças que no início eram ótimas; nunca tinha acontecido comigo, mas eu estava ali com as três, observando-as, enquanto elas faziam, em silêncio, as suas tarefas. Naquele momento me senti inútil e me perguntei: mas o que eu estou fazendo aqui? Logo depois,*

porém, a pergunta mudou: pode ter algum valor o simples fato de eu estar aqui, de eu existir? A única coisa que eu estou dando a elas, neste instante, é o fato de eu estar aqui com elas. Voltou à minha mente o ponto da caritativa que diz: “A lei suprema do nosso ser é compartilhar o ser dos outros, é colocar em comum nós mesmos”. É o que está ocorrendo comigo. Intuí que até o meu simples existir podia ser útil, não porque eu fazia alguma coisa, mas porque estou compartilhando o ser delas, eu colocava em comum a mim mesma. O que vi nesses dois episódios é que na caritativa descubro melhor a mim própria. Acontece comigo cada vez com mais frequência, diante das coisas que ocorrem – a relação com os amigos, o estudo, o relacionamento com os pais, as irmãs, com as minhas colegas de classe –, de me surpreender dizendo: eu preciso voltar à caritativa. Quanto mais vejo a promessa que há ali, isto é, quanto mais eu começo a ver algo mudar em mim, mais me conscientizo de como tenho necessidade desse gesto para a minha vida.

Carrón. É impressionante: com todos os problemas que ela descreveu, em vários momentos, justamente pelo que aconteceu lhe veio a vontade de não perder o gesto da caritativa. Se não alcançarmos esse nível, uma hora deixaremos de ir. É questão de tempo.

Margherita. *Eu também faço a caritativa em Martinengo ajudando as crianças a estudar. Há algum tempo eu encontrava dificuldade na relação com uma menina. Por isso, pouco antes de ir, me encontrei com uma das freiras que coordena o gesto e ela me disse: “De qualquer modo, você não sabe como, mas ela é para você e você é para ela”. Isso lançou nova luz sobre a minha ida até lá. Nas semanas seguintes, frente às mesmas meninas, tendo em mente a hipótese de que elas são para mim e eu para elas, me dei conta do seguinte: elas não são minhas e eu não estou ali para dominá-las. Do mesmo modo, as necessidades delas não são aquelas que eu acho que são as necessidades delas, mas são para mim. A mesma coisa está acontecendo também com as moças com quem moro ou com os meus amigos ou com aqueles que encontro na universidade: não são meus e não me cabe dominá-los. As necessidades dos outros, que em geral eu não entendo profundamente, eu as percebo cada vez mais como estrada para mim.*

Carrón. Vemos que descobrir essas coisas ao fazer um gesto tão simples é crucial para todos os relacionamentos: com o namorado, com a namorada, com os amigos, com os outros. Quando você não entende qual é a necessidade do outro, namorado ou namorada, e acha que você é a resposta, começa aí, de fato, a tragédia. Parece nada, mas valeria a pena ir à caritativa apenas para aprender isso. Noventa e nove por cento das brigas verificam-se por não se ter entendido isso: você critica o outro que não lhe deu aquilo que ele não pode lhe dar, porque a sua necessidade é infinitamente maior do que ela ou ele pode lhe dar. O outro é como uma gota, que jamais poderá encher o copo. E isso a gente não descobre apenas repetindo a frase certa, mas porque ao se confrontar, de vez em quando, com a necessidade do outro, começa-se a olhar o outro a partir da sua verdadeira necessidade e se começa a perceber, do mesmo modo, também a própria. Como seria tudo mais humano se nós, verdadeiramente, entendêssemos essas coisas!

Paolo. *Aprender a gratuidade nas relações talvez seja a maior coisa que me aconteceu ao ir à caritativa. Uma tarde, eu estava ajudando uma menininha a estudar, e já fazia algum tempo que ela me dava trabalho, mesmo sendo simpático com ela. Aquele dia, ela não queria fazer nada. Procurei animá-la: “Vamos, vamos, você consegue!”. Nada. Então, passei a usar o plano B: levei-a para falar com a freira, o que em geral funciona. Nada. Então me vi diante de duas possíveis atitudes: continuar a insistir com o que eu tinha em mente, isto é, achar que sabia o que seria o seu bem e a sua necessidade, ou amar o ponto do caminho a que ela tinha*

chegado. Essa alternativa, para mim, foi fundamental nos relacionamentos. Eu estava namorando há dois anos, e enquanto eu me afeiçoava cada vez mais ao Movimento, ela começava a se afastar, até que tudo desabou: Movimento, Igreja, etc. Para mim foi muito difícil e também doloroso. No início, eu tentei forçá-la: “Coragem, vamos à Escola de Comunidade, sei que você precisa disso”. Prosseguimos assim por alguns meses, sem que ela se sentisse confortável. Eu percebia que alguma coisa não estava indo bem. Um dia, levo-a comigo a uma Escola de Comunidade: para mim foi ótimo, mas quando a levava para casa, percebi que ela estava triste. Aí me vi de novo frente àquela alternativa e lhe disse: “Não precisa mais ir comigo a nenhum desses gestos, se você só vai porque eu insisto!”. Eu a estava amando no ponto do caminho a que ela tinha chegado. E assim tudo teve um recomeço; eu penso que fim teria tido nossa relação se não tivesse dado esse passo. Esse é o olhar mais bonito que eu posso dirigir aos outros, e só posso fazê-lo porque é o que recebo na minha vida. Quando, em O sentido da caritativa está escrito: “Vamos lá para aprender a viver como Cristo”, isso é possível não porque alguém se sente Deus na terra, mas porque esse olhar amoroso, como aquele do presidiário para com os agentes penitenciários, dos quais você nos falou, eu o sinto pessoalmente, eu o experimento, e é a coisa que mais desejo dar aos outros, primeiramente à minha namorada. E a fidelidade, antes mencionada, é necessária porquanto não é porque a gente entendeu algo uma vez, que já entendeu para sempre: eu sempre necessito que aquele olhar seja reeducado.

Carrón. É muito bonita essa ligação que Paolo fez. É uma prova daquilo que eu dizia antes. Se alguém está na vida pensando que já sabe – “eu já sei qual é a sua necessidade” –, até quando “arrasta” a namorada à Escola de Comunidade, a única coisa que obtém é a tristeza dela. Amar a liberdade do outro, amar o ponto do caminho em que o outro se encontra, significa esperar o desenvolvimento de um desígnio que não é o nosso. Eu me lembro sempre de um episódio contado por Giussani e que pode ser aplicado ao que diz Paolo. Perguntavam-lhe: “Se, na lógica dessa força de presença e de abraço da necessidade, me dirijo ao outro, ao colega que encontro na universidade, e ele a certa altura me diz: ‘Olhe, essa é uma necessidade sua, não minha?’”. É admirável ver como Dom Giussani reage diante de certas provocações. Cada um pode dizer: “E eu como reagiria?”, e depois pode confrontar a própria reação com a dele. Em vez de tentar convencer o outro de que ele também tinha o mesmo desejo, Dom Giussani diz: “Você sabe o que existe no coração do homem, porque existe em você. (...) E você entende que o outro não entende aquilo que você entende, porque está bloqueado”. Como ajudá-lo, então? O ponto de partida não é uma discussão (“agora vou convencê-lo sobre o que você deseja”), mas a consciência de que o outro precisa fazer uma caminhada, como foi e é para nós. Portanto, antes de tudo, continua Dom Giussani, primeiramente é preciso “pedir ao Espírito Criador que renove a face da terra desse homem aí, porque nós não podemos fazê-lo!”, comece a rezar para que o outro tome consciência e, segundo, “precisa estar diante dele, não insistir com ele”.² É o mesmo com as crianças: é preciso estar com elas, porque só assim acontece alguma coisa. Foi o que contou antes a nossa amiga, falando das três crianças: duas estavam presentes, atentas, fazendo as tarefas, e a outra não; ela insistia com essa última, sem obter sucesso; tão logo a deixou em paz e foi trabalhar com as outras duas, através do que elas viviam, despertou a vontade também da terceira criança, e foi adiante. Mas esse é o método de Deus: Deus escolhe alguém – aquelas duas que começam – para atrair o outro. Por isso, não é o caso de ficar bloqueado dizendo: “Deve acontecer com ela tal como aconteceu comigo”. Não. Algo foi dado a Paolo para que possa chegar também à sua namorada, mas segundo um desígnio que é o dela. A um certo momento, ele também começa a ver: não é o caso de insistir com ela, mas estar com ela. Isso

² L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*. Milão: Bur, 2010, pp. 364-366.

quer dizer começar a se familiarizar com o humano do outro, que não é um mecanismo que consigo manipular. O outro não se move porque eu ligo o motor, como Paolo que liga a moto e vai adiante. A namorada não é como a moto, tem um motor autônomo, e então não adianta insistir; é preciso provocá-la de um outro modo, colocando diante dos seus olhos uma vida, para que num determinado momento, segundo um desígnio que não conhecemos, possa acender uma centelha. Como no testemunho lido na última Escola de Comunidade: durante anos o marido viveu a experiência do Movimento e a esposa não queria nem saber, até que ela mesma – depois de trinta anos! – mandou uma carta para inscrever-se na Fraternidade. O marido esperou todo o tempo necessário. Só Deus ama assim a liberdade. Não é que não se importe: manda seu Filho, e depois todos aqueles que Cristo escolhe para permanecer na história como presença – a série de testemunhas – e para fazer ver que há uma possibilidade de mudança; não fica espiando da janela, mas continua a agir, continua a desafiar os homens, mas amando a liberdade deles. Assim nós continuamos a viver diante dos outros, mas não sabemos quando acontecerá de eles despertarem e aderirem. É uma graça, então, ser-nos oferecido o gesto de que falamos esta tarde, com aquela força de nos mudar, de fazer-nos entender a natureza das necessidades nossas e dos outros, e de incidir sobre todo o resto da vida. Continuamos, pois, a propô-lo a todos, segundo o modo como Dom Giussani a concebeu. Cada um deve vivê-lo na sua inteireza. A pessoa caminha de maneira descontínua e daí diz: “Comigo não acontece nada do que ouvi esta tarde”. Eu entendo, mas é como se ela dissesse: “Quero que a moto funcione, mas sem gasolina, porque a gasolina está muito cara”. Não é possível. O gesto precisa ser acolhido de maneira completa: tem uma natureza própria, e se nos é proposto de uma certa maneira, é porque só assim pode trazer fruto para a nossa experiência. O que a autoridade nos diz nós o verificamos pelo cêntuplo que introduz na nossa vida. É a confirmação de que nós, quando seguimos alguém, não o seguimos de modo irracional, mas estamos plenos de razões. A comprovação do seguimento é o cêntuplo. Vê-se, assim, por que é humanamente conveniente seguir. Quando não floresce o cêntuplo, precisamos nos perguntar: mas eu estou seguindo? Podemos partir do seguimento para verificar o cêntuplo, ou do cêntuplo para verificar se estamos seguindo. Se não experimento o cêntuplo, talvez seja porque estou administrando as coisas do meu jeito, não estou acolhendo o gesto na sua completude, tal como nos é proposto. Todos tivemos a possibilidade de ver, nos testemunhos desta tarde, que quando o gesto é vivido tal como nos é proposto, o cêntuplo acontece. Se não acontece para alguém, verifique se está levando a sério o gesto.

Dima. Uma última pergunta, que tem a ver com a natureza do gesto. Você antes disse: “A caritativa não é um voluntariado”. Poderia retomar brevemente a observação?

Carrón. É uma pergunta que eu vou deixar aberta. Mas digo o seguinte: uma coisa é simplesmente responder a uma urgência, a uma necessidade, outra coisa é descobrir a natureza da necessidade e quem pode respondê-la. Alguém pode dizer: “Vou lá e faço alguma coisa pelos outros”. É uma coisa boa, claro, mas a questão é entender qual é a necessidade do outro, descobrir a natureza da necessidade. É apenas a necessidade de um café da manhã? Começamos sempre partindo das necessidades mais externas: o café da manhã, o estudo, cuidar de alguém com necessidades especiais, etc. Começa-se por aí, mas aos poucos emerge, como vimos, toda a profundidade do que ela precisa, e aí alguém compreende que só o voluntariado não pode responder, porque a necessidade supera os meus limites. Assim, alguém começa a entender que há algo diferente a aprender. É o que Dom Giussani nos quer ensinar através do gesto e do texto da caritativa. É como se nos dissesse: “Vejam como há muitas coisas a aprender, dentro desse gesto”. Se nós o reduzimos ao que a mentalidade comum espera, depois vem a desilusão, nossa e dos outros, porque uma hora vão surgir verdadeiramente as necessidades, e se o gesto do qual participamos não nos leva a entender

quem pode responder à verdadeira necessidade, nos tornaremos céticos ou vamos cair na desesperança. Jesus respondeu a seu modo ao aspecto imediato da necessidade – a fome, por exemplo. Logo em seguida poderia ter criado uma ONG, mas fundou a Igreja. Por quê? Porque sabe que aquela gente tem uma necessidade maior. Não é que aqueles que foram saciados com a multiplicação dos pães e dos peixes não estivessem contentes: estavam tão admirados que queriam torná-lo rei! Mas, compreendendo a natureza do homem, Jesus diz: “Vocês não percebem que isso não lhes basta? Se não comerem a carne do Filho de Deus e não beberem o seu sangue não poderão ficar verdadeiramente satisfeitos. A necessidade de alimento é apenas a introdução para compreenderem a verdadeira natureza da necessidade que sentem”. Agora, se vocês também começarem a entender a profundidade da necessidade humana, ao mesmo tempo fica claro que não serão vocês a responderem nem à necessidade de vocês nem à dos outros – do namorado, da namorada, das crianças, etc. –. A maioria das pessoas que fazem voluntariado pensa – de boa fé – que está dando uma resposta à necessidade do outro, não vê essa profundidade e, portanto, aquilo que fazem não é verdadeiramente amar o destino do outro em toda a sua completude. Só se começarmos a ver a natureza da necessidade, a tomar consciência de que não somos nós que daremos resposta a ela e que se trata de se abrir para o Outro (“É um Outro que pode satisfazê-los”), só assim é que poderemos realmente enfrentar a humanidade nossa e dos nossos irmãos sem medo, ou até abrindo-a por inteiro constantemente. Começamos, então, a colher qual é a diferença entre a caritativa e o voluntariado. Mas são só sugestões, que na próxima vez poderemos desenvolver. Deixo esse ponto aberto: onde vocês poderão ver a diferença entre o que vivem certos colegas seus na universidade quando vão fazer voluntariado e o que vocês vivem no gesto da caritativa? Começam a ver que experiência eles fazem e que experiência vocês fazem, porque além da explicação é preciso verificar na prática as coisas que vocês ouviram esta tarde. Só se elas emergirem na experiência de vocês é que poderão entender que o gesto da caritativa, tal como é proposto, tem uma densidade e uma capacidade educativa infinitamente mais poderosa do que uma atividade de voluntariado. O voluntariado é uma coisa boa, claro: fazer alguma coisa é melhor do que desperdiçar o tempo. É necessário reconhecer o valor do voluntariado, mas ao mesmo tempo entender – graças ao que foi dito hoje e ao que vocês vão observar na caminhada – onde está a diferença em relação à caritativa. Cada um faça a comparação. O que nos convencerá a realizar o gesto tal como é proposto, sem reduzi-lo, por influência da mentalidade comum, a uma atividade de voluntariado, será a experiência e a comparação com o que vemos à nossa volta. Para evitar que ele seja reduzido, o gesto é guiado, e isso não por um acréscimo exterior. Além disso, nos é oferecido também um instrumento, um texto que pode tornar mais fácil não reduzi-lo. O gesto completo é, portanto, feito de gesto e palavras intrinsecamente ligados: para não reduzir o texto e para não reduzir o gesto. Coragem!